

REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS DE UMA PESQUISADORA ENTRE O SUL E O NORTE GLOBAL: conversa com a professora Marta Anadón

Marcelo Silva de Souza Ribeiro¹



Marta Anadón

Professora emérita da Universidade do Québec à Chicoutimi (UQAC). Nascida na Argentina, saiu de seu país devido à Ditadura Militar Argentina (1976-1983).

Viveu alguns anos no Brasil antes de se radicar no Canadá, onde desenvolveu sua trajetória acadêmica há mais de 40 anos. Foi neste país que fez o Doutorado na Universidade de Laval (1987), trabalhou como professora e pesquisadora na UQAC, e tem atuado como pesquisadora associada do Centro Interdisciplinar de Formação e Profissão Docente (CRIFPE - <http://www.crifpe.ca/>).

Ao longo de sua trajetória, seus trabalhos de pesquisa e suas publicações estão preocupados com a epistemologia das Ciências Sociais e da Educação, propondo diálogos entre Norte e Sul Global através de reflexões sobre fundamentos da Educação, a análise sociopolítica dos fenômenos educacionais, debates sobre os processos identitários, as perspectivas qualitativas de pesquisa e as pesquisas participativas (investigação-ação e pesquisa colaborativa).

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf. Doutor em Educação (UQAM - Canadá). Pós Doutor em Educação (UFBA). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1196-7383>. E-mail: mrbeiro27@gmail.com.

Este texto é uma adaptação escrita da entrevista realizada como atividade de encerramento do Seminário Internacional Diversidade e Desigualdades na Educação: polissemia e complementaridade em pesquisas do Norte e do Sul.

Marcelo:

Para começar essa conversa, Marta, gostaria de saber como suas itinerâncias e experiências entre o Sul e o Norte constituíram ou têm constituído você como pesquisadora, sobretudo sua forma de fazer e viver pesquisa: ao Norte uma imigrante latino-americana e ao Sul uma pesquisadora do Quebec.

Marta:

Antes de iniciar a entrevista, gostaria de agradecer aos organizadores por terem me convidado a compartilhar minha experiência como professora pesquisadora do Sul e do Norte ou do Norte e do Sul. Por que esta dúvida? É verdade que vim do Sul para o Norte, mas minha carreira de pesquisadora se consolidou no Norte. Embora minhas experiências universitárias na Argentina e no Brasil tenham possibilitado o contato com a pesquisa, é com meus estudos de doutorado, realizados no Canadá, que consegui me tornar uma pesquisadora independente.

Bem, vamos dialogando nesse meu “franconhol” e “portonhol”. Acredito que para responder à sua pergunta, tenho que fazer uma espécie de minibiografia de formação. Assim, o que me permitirá, penso eu, definir um pouco o contorno da minha identidade. Minha formação universitária começa na Universidade de Buenos Aires no final dos anos sessenta e início dos anos setenta.

Então foi no final dos anos sessenta e início dos anos setenta, uma época muito controversa, com grandes protestos sociais onde desafiamos a sociedade como um todo, onde também criticamos a escola, criticamos a família,

criticamos os hospitais, a psiquiatria, os complexos militares, a ciência... Foi realmente um momento de grandes lutas, mas também um período de explosões. Diria que foi um período de tomada de consciência uma vez que havia bastante opressão. De tomada de consciência porque tínhamos que renovar a forma de ver o mundo, pois as grandes teorias sociológicas e psicológicas não nos permitiam compreender as complexidades da realidade e isso nos impulsionava a dar a palavra ao ator social em relação aos demais atores. Também foi necessário valorizar o sujeito para que ele pudesse refletir sobre si mesmo e é importante que eu conte isso para vocês porque eu tive duas formações de base. Eu me formei primeiro em Psicologia e depois fui para Sociologia da Educação. Claro que essas duas formações tiveram um atravessamento psicanalítico, uma vez que a Argentina tem uma grande tradução na Psicanálise. É importante o que acabei de dizer para situar esse período no sentido de reconhecer o lugar do indivíduo na sociedade e, portanto, na produção do conhecimento.

E eu comecei a universidade numa época em que havia um golpe de estado, um golpe de estado nacional e “católico” de um tal general Onganía, onde, uma vez mais, os poderes militares se instalaram na Argentina, que já tinha uma tradição de regimes militares. Apesar de alguns períodos de democracia, em 1976 houve um grande golpe de estado, muito violento e repressivo, o que ainda hoje é chamado de “última ditadura na Argentina”, que durou de setenta e seis a oitenta e três (1976-1983). E foi precisamente neste período que saí do meu país com uma bagagem de formação e profissional. Fomos para o Brasil, mas ainda não entendo o porquê fomos para lá. Eu estava pensando outro dia... acho que fomos para o Brasil porque, embora houvesse também uma ditadura militar que durou até oitenta e cinco (1985), com Figueiredo, havia algo que nos fazia acreditar que estávamos de férias, que procurávamos o sol, e uma vida boa, praias... e foi assim que chegamos ao Brasil.

Mas o Brasil, naquele momento, também não nos ofereceu segurança, pois como os demais países da América Latina, estava engajado nesse grande plano que hoje conhecemos como operação “Condor”. O que significava

operação "Condor"? O plano Condor significava que todos os países da América Latina estavam unidos para combater o que os governos chamavam de subversão, o que esses governos proclamavam era purificar a sociedade latino-americana de toda ideia subversiva, isto é, toda ideia que visa alterar a ordem social ou destruir a estabilidade política de um país.

Então o Brasil também não era uma terra de segurança, mas apesar disso, apesar de nossa curta estadia que durou 5 anos, tive a oportunidade na minha formação de conviver com grandes pensadores da Educação, como Demerval Saviani, que os brasileiros devem conhecer bem, como o Paolo Nossela, que me fez apreciar um grande pensador da Sociologia, que é Antonio Gramsci, e que foi a base da minha tese de doutorado. Por que estou lhe contando tudo isso? Porque eu não vim para o Canadá despreparada. Cheguei ao Canadá armada, não só com uma boa formação, mas com uma sensibilidade sócio-política adquirida nessa itinerância. Então eu vim para Canadá sabendo que eu queria ser professora universitária. Por isso retomei os estudos ao mesmo tempo em que me apropriei de um país, de uma língua, e cuidava dos meus filhos, porque eu tinha uma menina de 2 anos e outro que dei à luz pouco depois que cheguei ao Quebec. Apesar desse contexto familiar, eu queria estudar. Voltei para a universidade, Universidade de Laval, onde fiz meu doutorado.

Vou te confessar uma coisa sobre a qual, até alguns dias atrás, eu nunca havia me perguntado, que é tomada consciência que tive uma dupla identidade, do Sul e do Norte. Eu, sou e sempre fui a Marta, a Malú, como me chamam familiarmente e sim, que nasci na Argentina, que viajei para o Brasil e que cheguei ao Canadá, mas sempre tive a certeza de que era "uma", "EU" e que, além disso, era muito privilegiada. Privilegiada pelo que acabei de contar porque tive uma rica formação e isso me permitiu chegar ao Canadá com todas as minhas armas. Contudo, depois de ouvir Sara et Tya² neste evento, olho para

² Tya Collins (Université de Montréal - UdeM) e Sara Wagner York (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ) participaram na mesa redonda, desse Seminário, discutindo a Postura do pesquisado(a), seus reconhecimentos e apropriações. Dessa apresentação foi suscitada uma significativa discussão sobre a interseccionalidade, mais especificamente sobre a condição de ser mulher, ser mulher preta, ser imigrante e ser mulher trans.

trás e percebo que esse sentimento de privilégio não é tão verdadeiro, nem tão feliz.

Esse olhar para trás me levou a reviver acontecimentos que me fizeram sentir uma certa ambiguidade, talvez uma dupla identidade ou um duplo pertencimento.

Como acabei de dizer, sou uma imigrante profissional, qualificada, cheguei ao Quebec formada e com uma boa experiência como professora universitária, mas para ser reconhecida tive que tomar posição, posição como mulher imigrante e latino-americana. Não foi fácil, pois poucas mulheres ocupavam os cargos de professora universitária quando cheguei ao posto na *Université du Québec à Chicoutimi* (UQAC). No departamento de Educação, onde eu ia trabalhar, havia apenas duas mulheres no corpo docente, e uma delas era freira, herdada da escola normal quando o corpo professoral dessas escolas passou a fazer parte dos departamentos de Educação das universidades. Durante meus estudos de doutorado conheci e participei do grupo de mulheres da *Université de Laval* (REFUL), e as reivindicações dessas mulheres está bem documentada. Digo isso para mostrar a vocês que no meu tempo, ser mulher constituía também uma frente de luta. No início dos anos 2000 apenas 24% dos professores universitários eram mulheres e hoje são 40,2%. Como vocês podem observar ainda é preciso ter atenção para superar as desigualdades de gênero.

O estatuto de doutoranda me deu a oportunidade de ser conhecida na comunidade dos pesquisadores da área Educação e de ser valorizada. Talvez para alguns eu possa ser perturbativa. Várias vezes fui forçada a explicar quem eu sou e onde eu pertenço. As perguntas constantes: De onde você é? Por que você está aqui? Você tem um sotaque!? De onde é o seu sotaque? Etc. As perguntas me fizeram perceber que para eles eu era diferente. Os outros muitas vezes nos fazem pensar sobre quem somos. Foi aqui que me questionei sobre a cor da minha pele, nunca antes me senti diferente e em várias ocasiões tive que me descrever, descrever a procedência de meus pais.

É assim que os outros te questionam e é nesse questionamento que se constroem as relações sociais, que se constrói o “Nós” que às vezes é um “Nós” inclusivo. Você é como “Nós”, uma professora universitária, mas.... às vezes

este “Nós” é excludente, “NÓS” somos quebequenses e você não. No entanto, existem elementos ou características da minha identidade latino-americana que me deram um certo poder. Conhecimento de línguas, uma formação internacional, uma experiência e uma vivência em vários países. Construí um sentimento de pertencimento a esse “Nós” que era “Nós, as professoras” da Universidade, apesar de me fazerem sentir que eu não estava no “Nós” das nascidas no Quebec, que eu não estava em “Nós” dos senhores, dos homens.

Tudo isso para lhe dizer que, apesar da imigração poder nos levar a uma crise até mesmo na ideia ontológica que nos obriga a negociar uma série de condições, acho que consegui definir minha identidade: mulher, professora universitária para o Norte, do Sul ao Norte. Hoje sinto que pertença ao Quebec, acredito que consegui me apropriar do Quebec e tenho certeza de que trouxe riqueza, através do meu modo de me questionar, de fazer pesquisa, para meus alunos e para meus colegas, pelo menos é isso o que eles disseram.

Quando voltei pela primeira vez ao meu país e até mesmo ao Brasil, o contexto social e político não era o mesmo e voltei com doutorado e reencontrei vários de meus ex-colegas, que também haviam retornado após um longo exílio. No entanto, toda vez que vou à América Latina, seja ao Brasil, Argentina, Chile, Bolívia ou México, não me sinto do NORTE, sou Latino-americana, compartilho valores, uma história, uma língua e um compromisso no sentido de que a pesquisa possa contribuir para a emancipação individual e social. É com este ideal que em cada ano sabático voltava para o Sul e me envolvia de uma forma ou de outra em projetos de pesquisa ou acadêmicos, seja no desenvolvimento de políticas universitárias, seja no desenvolvimento de programas de ensino superior, seja orientando pesquisas no campo educativo, etc. Queria dar a esses países, que são meu berço, o que aprendi aqui no Canadá.

Nunca me senti do Norte. O que eu senti foi que fui privilegiada e que tinha aprendido a fazer pesquisa aqui no Canadá, que é uma pesquisa muito formal, muito enquadrada e enquadrante, mas aprendi muito também com o Sul. Os pesquisadores do Sul são muito mais heterogêneos, são muito mais críticos, inclusive até poderia dizer que são mais questionadores teoricamente. Havia, portanto, uma riqueza que eu compartilhava, mas que também aprendi

com os outros e isso tudo me fazia feliz em me sentir latino-americana. Então eu digo a você que toda vez me sentia implicada no que fazia, não só porque colocava o meu conhecimento a favor do outro, como também buscava entender a sociedade. Daí sempre me perguntava: mas como meu conhecimento pode ajudar a mudar a sociedade ou contribuir com a formação? Um exemplo - o projeto na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graças a um convite recebido pela UNEB para ministrar uma palestra, estabeleci um relacionamento com a Diretora do Departamento de Educação do *campus* sete da Universidade, localizado em Senhor de Bonfim (Bahia). Ela estava muito interessada em qualificar em pesquisa o corpo docente de seu departamento. Foi assinado um acordo entre a UNEB e a UQAC, no qual esta Universidade se comprometia a abrir e adaptar seu programa de mestrado em Educação ao contexto brasileiro. Devido a consolidação e coordenação deste projeto, que eu mesma assumi, 54 professores-estudantes obtiveram o título de Mestre em Educação pela UQAC. Você mesmo, Marcelo, foi filho deste projeto e para minha grande satisfação a maioria desses ex-estudantes, hoje são doutores em Educação. Essas contribuições são um orgulho para mim. Outro exemplo é minha implicação na concepção de políticas de educação superior na Secretaria de Políticas Universitárias da Argentina em um momento muito importante nesse país para o desenvolvimento dos estudos de pós-graduação.

Marcelo:

Marta, quando você estava falando, você usou uma espécie de metáfora, você falou sobre “bagagem” quando você saiu da Argentina, quando você saiu do Brasil para o Canadá. Claro que você não falou sobre essa volta do Norte para o Sul com a bagagem, mas em suas palavras, apareceu a *bagagem*. Quando você estava falando em “bagagem”, na minha cabeça vem a ideia de que eu tenho que encher alguma coisa, colocar a bagagem lá para eu poder viajar, sair, mas na minha cabeça também é a ideia de desenhar algo da bagagem, e acho que essa metáfora da bagagem, da partida, do ir e vir, mas também o fato de encher e tirar coisas dessa metáfora, faz parte da nossa constituição

identitária, isso que deixo, que eu mantenho, o que misturo, o que integro. Eu sei que você se vê muito como uma mulher do Sul, e eu sinto isso. Mas houve uma ocasião em que também falamos sobre uma identidade híbrida. Isso me lembra, por exemplo, o livro de Albert Camus, "O estrangeiro", que fala sobre o assunto, da pessoa que sai, que nunca mais volta ao seu país de origem, ou seja, que é sempre estrangeiro, então quando você volta para o Brasil, quando você volta para a Argentina, não seria também a mulher argentina que vive no Norte e que também tem uma educação do Norte? Eu queria que você falasse um pouco sobre esse hibridismo.

Marta:

Não, não tenho a sensação de hibridização. Eu não tive, acho, esse tipo de bagagem como uma mala. Contudo, eu gostei da imagem que você trouxe. Eu estava falando sobre bagagem como vivência, como experiência, como *background*, como essa coisa que vai moldando o que a gente é. Claro que estou aqui e que sou o resultado de todas essas idas e voltas, de todas essas formações, de todas essas experiências etc. Mas eu não sei se eu posso falar sobre hibridização, não acho que eu sou o resultado de um cruzamento de diferentes espécies. Eu sou sempre a mesma para ser honesta, digo Marcelo, é porque eu nunca pensei sobre isso e com certeza eu posso te dizer sem cair no senso comum, que quando somos imigrantes são importantes essas negociações, ou seja, o que fazemos. É o fato de poder tirar o melhor de cada lugar. Isto, hoje depois de quarenta anos no Canadá, eu sinto que me integrei, que tenho incorporado muitas coisas, mas que existem outras coisas que nunca vão mudar. Meu sotaque, por exemplo, meus valores de solidariedade, minha preocupação pelo outro, de compartilhar, minha maneira de me relacionar com a gente. Mesmo que algumas pessoas brinquem comigo por causa do meu sotaque, ou que meus valores esbarrem em algumas diferenças, obviamente, desde quando cheguei aqui tenho comungado com a Marta de hoje. Agora quando eu vou para Sul, eu levo minha bagagem preenchida de experiências do Norte. Eu tenho algumas anedotas de situações vividas no Sul que me fazem pensar que as vezes

os outros me enxergam diferente. Eu fui várias vezes ao Sul, por exemplo, eu fui coordenar um instituto de pesquisa e todos me disseram que eu era muito rigorosa, que eu era muito formal, que eu coordenava o Instituto de maneira exigente. As pessoas lá falavam muita coisa a meu respeito sobre esse meu jeito exigente, centrado na produção de conhecimentos. Mas eu não podia não ser exigente, eu sentia que tinha a responsabilidade de fazer respeitar horários, de produzir conhecimentos de qualidade nesse instituto, eu sentia que esse era meu papel. Eu acho que a falta de disciplina e de rigor no trabalho é muito prejudicial. Talvez seja isso que eu aprendi em relação a esse tipo de formalidade.

Marcelo:

Sim, muito bom! Eu penso que você respondeu muito bem. Você já tocou em coisas que eu gostaria de perguntar. Então eu queria que você falasse também sobre algo que toca a temática de nosso evento, que são justamente os contrastes, as diferenças entre o Sul e o Norte, principalmente no que concerne a produção do conhecimento e a maneira de fazer pesquisa. É justamente isso, ou melhor, como você tem feito a pesquisa, a maneira de conceber a produção do conhecimento em relação ao Sul e o Norte. Eu me lembro que em 2002 ou 2003, quando era estudante do mestrado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na cidade Senhor do Bonfim, você trouxe muitas contribuições. Eu penso que você ocupou muito bem o seu lugar, como de costume, eu diria que você ocupa um lugar privilegiado exatamente porque pôde olhar de uma maneira muito particular para esses contrastes entre o Sul e o Norte em relação a produção da pesquisa e o modo de se produzir conhecimento. Você poderia falar um pouco sobre isso?

Marta:

Eu penso que a pesquisa no Norte em Ciências Sociais ou em Educação é uma pesquisa mais distante das reivindicações sociais. É uma pesquisa muito

mais preocupada em descrever o mundo tal como ele se apresenta e não em compreender como poderia ser. Eu penso que no Norte os pesquisadores têm renunciado a um certo compromisso com o seu tempo. E por que eles têm renunciado as demandas do seu tempo? Eu dizia ainda pouco que a pesquisa no Norte é muito mais formal, competitiva, marcada fortemente pelo produtivismo e isso faz com que os pesquisadores busquem proteger suas disciplinas, seus conceitos e suas teorias numa postura de descrever o mundo não se preocupando com a implicação social. Parece haver uma forte preocupação nisso, eu diria, que é se manter neutro, por trás de certa possibilidade que cada uma das suas teorias lidam. Eu vou voltar a falar sobre isso um pouco mais tarde.

No Sul, a partir do que eu sei, do que já li e vivi, eu penso que no Sul o pesquisador é um ator muito mais militante, mais ativo nos debates sociais. Ele critica as Ciências Sociais e suas formas clássicas de produção de conhecimento, porque a situação política, econômica e social desafia os cientistas sociais. É um ator que se implica fundamentalmente em processos mais compartilhados visando desenvolver um conhecimento particular ou desenvolver uma intervenção sobre determinado aspecto da sociedade. Busca-se compreender, mas também intervir. É justamente entre os pesquisadores do Sul que encontramos abundantemente as perspectivas críticas em Ciências Sociais. Os pesquisadores do Sul postulam um pensamento, como diria Freire, mais militante no sentido de que querem mudar, transformar a sociedade. E no Norte isso é menos visível. No Canadá, como eu dizia, os saberes são mais protegidos. Os saberes pretendem ser mais neutros e positivos. Tem um exemplo eloquente, hoje as pesquisas em Educação e em Ciências Sociais são confrontadas a uma forte valorização do neopositivismo centrado nos resultados, na eficiência e na eficácia. Essas pesquisas estão verdadeiramente associadas ao modelo da sociedade neoliberal, onde não há engajamento para transformação. No Norte se valoriza uma hierarquia da pesquisa que permite julgar o valor do tipo de pesquisa. A taxonomia desenvolvida por Elis e Foust

(2001)³ fornece uma classificação hierárquica em três níveis. Os estudos de nível 1 referem-se as pesquisas, estudos de caso que descrevem um fenômeno usando dados qualitativos ou quantitativos, podem permitir a formulação de hipóteses e até mesmo uma teoria, mas em nenhum caso essa teoria pode ser a base de uma prática pedagógica, pois para isso tem passar por protocolos experimentais. São esses protocolos que caracterizam a pesquisa de nível 2. Esses estudos experimentais permitiriam verificar ou invalidar as hipóteses ou a teoria, emitidas no primeiro nível, com os grupos experimental e controle. Os estudos de nível 3 são aqueles que avaliam os resultados da implementação de teorias por meio de pesquisas em larga escala, o que os torna os mais confiáveis cientificamente. Tais abordagens de pesquisa são diametralmente opostas à pesquisa em educação com orientação interpretativa, que indiscutivelmente consolidou sua dimensão epistemológica, sua legitimidade científica e suas perspectivas metodológicas (Anadon, 2006)⁴ ao longo dos últimos trinta anos.

Eu acho que no Norte há pouca capacidade crítica. Eu diria que na Educação eles são poucos os pesquisadores, talvez uns dois ou três que fazem algum tipo de análise mais crítica do fenômeno educativo. Há consequência quando você entra nessa defesa da ideia de eficiência, de qualidade centrada no resultado sem questionar muito bem os efeitos negativos e o que pode decorrer desse tipo de desenvolvimento de pesquisas. Tem mesmo efeito negativo na formação. A educação durante um longo período esteve numa perspectiva engajada onde o professor ocupava um lugar mais prioritário, onde havia escolha na produção de conhecimento por sua própria capacidade e saber. Contudo, agora essa perspectiva mudou. Atualmente é a educação baseada em resultados que é valorizada e o professor é considerado não mais como um ator produtor de conhecimento, mas aquele que deve aplicar com eficiência os conhecimentos produzidos pelos pesquisadores, longe da prática educativa.

³ ELIS, A.K. e FOUST, J.T. Interdisciplinary curriculum: The research base. *Music Educators Journal*, 87(5),2001, p. 22-26

⁴ ANADON, Marta. La recherche dite “qualitative”: de la dynamique de son évolution aux acquis indéniables et aux questionnements présents. *Recherches qualitatives*, 26(1),2006, p. 5-31.

Bem, eu diria então que isso é um perigo e que é um desafio a ser compartilhado nas sociedades. É justamente essa luta contra o neopositivismo que é cada vez mais presente. É uma luta contra a sociedade neoliberal. Nós devemos, portanto, tomar consciência de todo trabalho de pesquisa que é realmente um trabalho político e no Sul há esse legado do pesquisador enquanto ativista acadêmico, com seus saberes militantes. No Norte existe uma herança de um modelo clássico de pesquisa que é ainda muito presente, e que termina contribuindo para o fortalecimento dessa perspectiva da eficácia e da educação baseada em resultados. Essa perspectiva tem consequências verdadeiramente desastrosas para pesquisa, sobretudo para esse tipo de pesquisa que nós estamos discutindo. Estamos preocupados com uma produção do conhecimento que tem a ver com a justiça social, que está ligada a equidade, a inclusão e ao lugar que os atores ocupam na vida social. A educação baseada em evidência nos coloca num retrocesso e isso não é a ciência. Então parece que há um atraso, um retrocesso. Essa confrontação com esse “grande monstro”, como diria a canção⁵, que “pisa forte” e que se chama o neoliberalismo.

Marcelo:

Sua reflexão me leva a perguntar sobre as relações entre a pesquisa e a política, poderia elaborar um pouco sobre essa questão.

Marta:

A pesquisa sempre manteve relações com a política no sentido de instituições e governança. Mas também a pesquisa deve manter relações com o político no sentido da coisa política, do compromisso do pesquisador na comunidade e na produção do conhecimento científico não só para compreender o mundo, mas também para ajudar a torná-lo mais igualitário.

⁵ A canção se chama “Sólo le pido a Dios” (“Apenas eu peço Deus”). Mercedes Sosa canta essa música.

Um de meus textos⁶ constrói uma leitura sócio-histórica sobre a evolução da pesquisa no Quebec para mostrar como a pesquisa se adapta, responde às demandas sociais de acordo com os tempos e as prioridades governamentais, dando a si mesma finalidades específicas e priorizando objetos específicos e abordando-os com abordagens e perspectivas específicas. Interessa, portanto, saber como a pesquisa se baseia em fundamentos ontológicos, epistemológicos particulares que caracterizam um momento histórico e isso orienta as abordagens metodológicas. Essas duas dimensões ontológicas e epistemológicas estão intimamente relacionadas. As posições e as implicações sociopolíticas dos modelos, dos paradigmas de pesquisa se configuram sempre em um determinado contexto histórico e político. Os paradigmas mantêm uma relação com o contexto em que surgem e operam, e é por meio deles que se compreende o mundo e são eles que servem para interpretar os interesses sociais. A rejeição dos mitos de objetividade e neutralidade que caracterizaram uma época e uma forma de conceber a pesquisa, nos leva a afirmar que o pesquisador não deve apenas conhecer o mundo, ele deve se envolver na construção de uma sociedade democrática e igualitária.

Tópicos de pesquisa como justiça social, direitos humanos, igualdade, inclusão e tudo o mais que você se importa mostra como a pesquisa se preocupa não apenas com a compreensão, mas também com a mudança do mundo. E para isso o pesquisador deve entrar em contato com os participantes de sua pesquisa a fim de co-construir conhecimentos significativos e críticos. Assim, o pesquisador deve abandonar modelos estáveis de interpretação da realidade, códigos predeterminados para classificar o outro e valorizar o diálogo. É justamente esse diálogo com o outro que o pesquisador empreende porque o diálogo é baseado na igualdade e nos saberes e habilidades de cada um. Meu compromisso com a pesquisa participativa tem esse objetivo, democratizar a pesquisa, um espaço de consulta em que podemos discutir e fazer interagir o pensamento social e o pensamento individual.

⁶ ANADON, Marta. Quelques repères sociaux et épistémologiques de la recherche en éducation au Québec. In: KARSENTI, T. ET SAVOIE ZAJC, L. *La recherche en éducation : étapes et approches*, Presses de l'Université de Montréal., 2018, p 17-51.

Marcelo:

Marta, eu tenho uma última pergunta e tem relação com a proposta deste seminário, desta escola de verão, que se propôs a compartilhar e reunir estudantes, professores e pesquisadores do Norte e do Sul. Considerando experiências do Sul e do Norte, e sabendo que conselho não é uma coisa tão boa porque se fosse o caso nós poderíamos ficar ricos vendendo os conselhos... Contudo se você pudesse dar alguns conselhos, o que você nos diria? Imaginando que você traz essas duas experiências (do Norte e do SUL), o que a Marta, que vem do Norte poderia falar para uma estudante do Sul e o que a Marta, que vem do Sul poderia falar para uma estudante que vem do Norte? Que conselhos você daria?

Marta:

Insisto que não trago essas divisões, essas metades tão divisíveis.

Marcelo:

Eu sabia que você ia responder assim.. (risos)

Marta:

Eu te disse que mesmo que você soubesse a resposta, eu não me sinto divisível, assim como fosse metade e metade. Tanto para os estudantes do Norte quanto aos do Sul, não sei se poderia dar conselhos.

Eu acho terrivelmente pretensioso pensar que nós podemos dar conselhos. O que eu poderia dizer é que é importante o se envolver, o se comprometer com o que vocês querem e não deixem ou não abandonem suas convicções. Vão sempre para onde vocês querem ir. Vocês têm que ser capazes de justificar suas posturas como pesquisadores; vocês são atores sociais que

tem experiências, vivências e justamente a partir daí que vai se produzir um conhecimento sensível a história dos sujeitos, dos atores sociais. Já faz muito tempo que as abordagens biográficas, narrativas, participativas, todas essas abordagens de pesquisa enfatizam, precisamente, o conhecimento, a experiência que o pesquisador e seus participantes têm do objeto pesquisado, mesmo que agora haja uma espécie de retorno às “provas científicas”, às evidências científicas, essas abordagens soam muito ricos. É nesse sentido que eu disse que a pesquisa dá ao sujeito um lugar privilegiado, seja como ator social seja como sujeito que pode refletir sobre sua própria identidade, sobre sua própria vida.

No lugar de conselho eu vou referência a uma música que se chama-se “Caminante no hay camino”. Vou falar em espanhol: *“Caminante, no hay camino, se hace camino ao andar. Al andar se hace camino y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar”*. Isso é a base de tudo! E agora eu vou traduzir para o português: *“caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao caminhar. Ao caminhar se faz caminho, e ao voltar a vista atrás se vê a senda que nunca se voltará a pisar”*. E é esse tipo de conselho que quero dar para os estudantes. E é isso que deixo como conselho para que os estudantes possam traduzir essa parábola, essa metáfora, essa canção, de modo que aprendam o sentido do caminhar e do buscar no envolvimento, no engajamento, justamente porque nessa participação que não é só compreensão, mas também envolvimento com as mudanças desse mundo, que precisa mudar muitas coisas e em vários níveis. Eu agradeço.

Marcelo:

Obrigado! Muito obrigado, Marta.